

Este número da *Signum: Estudos da Linguagem* (número 3, volume 25) é uma homenagem póstuma ao Professor Ludoviko Carnasciali dos Santos, que fez seus estudos acadêmicos na Universidade Federal do Paraná (graduação em 1976 e mestrado em 1979) e na Universidade Federal de Santa Catarina (doutorado em 1997), todos na área de Letras, com maior expressividade na área da Descrição de Línguas Indígenas, tema sobre o qual se encontra esta edição da *Signum: Estudos da Linguagem*.

O volume é composto por seis artigos de 10 autores, de 4 estados brasileiros (Mato Grosso, Pará, Paraná e Rio de Janeiro), do Distrito Federal e um do exterior, Canadá. A apresentação das pesquisas tem início com uma homenagem póstuma ao professor Ludoviko, seguida por dois estudos, um sobre a língua Asuriní do Xingu (família Tupí-Guaraní, tronco Tupí) e outro sobre a língua K̄yikatêjê (família Jê, tronco Macro-Jê); então têm lugar dois artigos que tratam sobre a língua Kaingang (família Jê, tronco Macro-Jê), finalizando com um artigo cujo foco são algumas línguas da família Jê.

O primeiro artigo tem como título *Contribuições de Ludoviko Carnasciali dos Santos aos estudos linguísticos de línguas indígenas do Brasil – homenagem póstuma*, de Ana Suely Arruda Câmara Cabral, da Universidade de Brasília (UnB). Ludoviko dos Santos foi um linguista que muito contribuiu para com os estudos das Línguas Indígenas Brasileiras, em especial às pertencentes à família Jê (tronco Macro-Jê). O texto nos apresenta informações biográficas e bibliográficas do pesquisador, dando ênfase ao contato com pesquisadores de renome durante sua vida acadêmica, a exemplo de Aparecida Barbosa, Lucy Seki e Alexandra Y. Aikhenvald. Ressaltam-se seus estudos a respeito da língua K̄isêdjê (Suyá), que exerceram influência nas pesquisas linguísticas acerca de propriedades gramaticais típicas de línguas Jê. O artigo finaliza enfatizando “seu empenho e dedicação na promoção e divulgação de pesquisas de Línguas Indígenas em espaços acadêmicos, em que seu legado permanece vivo para as novas gerações de linguistas”.

Na sequência, Antonia Alves Pereira, da Universidade Federal do Pará (UFPA), apresenta o artigo *Causativização em Asuriní do Xingu*. Em seu trabalho, a autora discute o processo de mudança de valência por meio de causativização em Asuriní do Xingu, cujos falantes habitam uma Terra Indígena (TI) no município de Altamira, Pará. Com base na linguística tipológico-funcional, Pereira discute a formação dos predicados causativos e os tipos de causativização nessa língua, bem como os efeitos que provocam na sentença, ressaltando que esse processo nas línguas está ligado aos componentes semântico, morfológico e sintático. Do ponto de vista semântico, pode-se classificar a causativização em direta, indireta e sociativa. Sintaticamente, o processo não é produtivo em Asuriní, provavelmente por causa da alta produtividade da causativização morfológica. A autora aponta os morfemas {*mu-*}, {*eru-*} e {-*ukat*} como responsáveis pela causativização morfológica, apontando, em especial, o fato de {*eru-*} desempenhar função causativa em algumas línguas Tupí-Guaraní e aplicativa em outras. Os resultados da pesquisa mostram que, após a afixação do morfema causativo ao verbo, a sentença sofre alterações estruturais e funcionais.

Sob o título de *Aspectos da morfologia nominal da língua K̄yikatêjê*, Lucivaldo Silva da Costa, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) e Quêlvia Souza Tavares, do Instituto Federal do Pará (IFPA), apresentam uma visão geral da língua em questão e do povo K̄yikatêjê da aldeia Kôjakati, para então descrever os tipos de nomes existentes na língua (nomes relativos, nomes descritivos e nomes absolutos, considerados do ponto de vista morfológico, sintático e semântico), bem como suas propriedades gramaticais (categorias de número e gênero). Em seguida, os autores discutem alguns aspectos da morfologia derivacional dos nomes (atenuação, intensificação e a composição) em K̄yikatêjê. Por fim, trataram da nominalização, estudando os nomes de agente, de paciente e de circunstância.

O quarto artigo, intitulado *Variação da palavra isóg (eu) em terras indígenas Kaingang do Paraná: um estudo diatópico*, apresenta uma análise de como a primeira pessoa do singular *isóg*, na língua Kaingang, é pronunciada em algumas Terras Indígenas (TI) paranaenses. Os autores, Damaris Kanĩnsãnh Felisbino e Marcelo Silveira, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), em um estudo geolinguístico, pesquisaram a forma como os falantes pronunciam esse pronome pessoal em oito (das doze) TIs paranaenses. Nas TIs Apucarantina, Barão de Antonina, Mococa, a pronúncia foi *isóg*, nas TIs Queimadas, Ivaí, Faxinal, Marrecas, encontraram a pronúncia *ijóg* e na TI Rio das Cobras, a pronúncia realizada foi *só*; uma quarta pronúncia conhecida, *sóg*, não foi pronunciada por nenhum dos colaboradores. Por ser uma pesquisa em andamento, a variante *sóg* ainda pode ser encontrada em outras TIs do Paraná ou, então, nos outros estados em que os Kaingang estão localizados (São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Concluem, então, que há variação fonológica (*ijóg* e *só*) em relação às variantes consideradas mais frequentes (*isóg* e *sóg*), o que pode estar se constituindo uma nova variante, nas TIs em que há essa variação.

Na sequência, o artigo de Marcia Nascimento e Gean Damulakis, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e Suzi Lima, da University of Toronto, intitulado *Número e a distinção contável/massivo em Kaingang*, descreve preliminarmente a distinção contável/massivo em Kaingang. Os autores, primeiramente, mostraram que nessa língua não há, nos nomes, marcador morfológico exclusivo para o plural e que os processos morfológicos nos verbos (supleção, reduplicação, prefixação do morfema *kyg-*) podem estar associados à pluralidade de eventos (iteratividade) e à distinção singular *versus* plural em argumentos verbais. Em segundo lugar, apresentaram construções com numerais e quantificadores distinguindo nomes contáveis e massivos, bem como nomes contáveis combinando diretamente a numerais e nomes massivos requerendo unidade de contagem/medida nessas construções. Os autores trataram ainda dos quantificadores *'e* 'muitos' (interpretado como cardinalidade) e *mág* 'muito' (interpretado como volume). Finalizam o texto mostrando que alguns nomes massivos podem ocorrer diretamente combinados a numerais/quantificador contável.

O artigo *'Marca de Sujeito' em algumas línguas Jê (Macro-Jê): fontes diacrônicas e gramaticalização*, de Maxwell Gomes Miranda, da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), parte do trabalho pioneiro do Professor Ludoviko Carnasciali dos Santos, em que o autor examina “as prováveis fontes diacrônicas a partir das quais marcadores de caso nominativo *tóg* e *ra* (~ *ta*) desenvolveram-se nas línguas Kaingáng, Kĩsêdjê (Suyá) e Tapayuna respectivamente”. Ao cotejar as três línguas com base na teoria da gramaticalização, distintas fontes diacrônicas são estabelecidas para marcadores de caso nominativo, os quais estão relacionados ao domínio conceitual da dêixis espacial. O autor encontrou uma multiplicidade de usos dos marcadores de caso nessas línguas, argumentando que “essa multiplicidade de usos constitui um caso exemplar de poligramaticalização”. Como resultados, o autor encontra conexão entre as línguas pesquisadas no que concerne a esse processo de gramaticalização, lançando luz sobre “propriedades gramaticais ainda pouco exploradas nos estudos sincrônicos e diacrônicos de línguas Jê (Macro-Jê)”.

O presente volume ainda inclui o artigo *Verbos de forma longa e de forma curta em suyá*, de Ludoviko Carnasciali dos Santos, apresentado e publicado inicialmente nas Atas do VI Simposio Internacional de Comunicación Social, em Santiago de Cuba, em 1999. Trata-se de um texto que retoma a discussão levantada em sua tese de doutorado defendida em 1997 acerca dos contextos morfossintáticos em que verbos de forma longa ocorrem na língua suyá. Esta língua, de acordo com o autor, caracteriza-se por apresentar “[...] uma variação morfofonológica de verbos condicionada, na maioria das vezes, pela negação, pelo aspecto progressivo e pelo aspecto futuro”. Embora tenha usado outra terminologia em sua tese (FA e FB) para designar formas curtas e longas, nesse artigo, Santos dialoga explicitamente com Popjes e Popjes (1986), que introduziram esses termos na descrição e análise de verbos em línguas Jê e suas implicações diretas na configuração oracional e, portanto, no sistema de marcação de caso, como um todo. Tornar acessível esse artigo à comunidade científica é uma maneira de acompanhar a originalidade do pensamento e as contribuições do professor Ludoviko Carnasciali dos Santos para um conhecimento mais acursado de línguas da família Jê.

Os sete artigos publicados neste volume demonstram parte da pesquisa em descrição de línguas indígenas realizada no Brasil, incentivadas por pesquisadores como o professor Ludoviko dos Santos, o Ludo, como muitos o chamavam. Entre os autores, temos amigos e colegas do homenageado, alunos e admiradores por seu trabalho, por sua pesquisa, por seu empenho na produção científica voltada não somente à descrição das línguas que pesquisou, mas também à educação escolar indígena.

Agradecemos aos autores, que compartilharam conosco seu conhecimento e sua experiência, possibilitando-nos produzir material de divulgação de pesquisas científicas que engrandecem um pouco mais a pesquisa no país e no mundo.

Uma agradável leitura a vocês!

*Marcelo Silveira* (Universidade Estadual de Londrina)

*Maxwell G. Miranda* (Universidade Federal de Mato Grosso)

Organizadores